

A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DE LULA NA SÉRIE “O MECANISMO” – VILÃO DO BRASIL?

Bruno Novaes Araujo¹

RESUMO

Neste artigo tive como objetivo estudar as representações estéticas da liderança política de Luiz Inácio Lula da Silva na série “O mecanismo” (2018), do canal de streaming Netflix. Para esse estudo realizei uma análise fílmica para interpretar as formas simbólicas e identifiquei os enquadramentos utilizados pelo diretor José Padilha nos momentos em que João Higino (Lula) protagoniza cenas diversas durante os capítulos da série. Os resultados obtidos com essas análises evidenciaram uma representação negativa da liderança dele, caracterizando-o como um líder corrupto, ególatra e nocivo ao país, assim como todos os envolvidos em processos de corrupção durante a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE

Representação Estética. Lula. O Mecanismo.

1 INTRODUÇÃO

O cenário político do Brasil contemporâneo é imprevisível e cheio de variações. Há uma apatia generalizada com a política, resultado de grande decepção com os representantes políticos envolvidos em escândalos de corrupções com valores alarmantes. Diante de chefes do poder executivo com baixa aprovação, um legislativo medíocre e um judiciário com baixa credibilidade, a sociedade civil mostra rejeição à classe política: nas eleições para presidência realizadas em 2018, o número de votos nulos e brancos passou de 30%, maior percentual desde 1989.² O impacto dessa rejeição é expresso rotineiramente nas redes sociais, nas conversas de bar, entre intelectuais nas universidades e na produção cultural.

O cinema e as séries em geral, produtos da Indústria Cultural, se tornaram uma nova categoria usual de pesquisa já que nos permitem, através de sua linguagem e sua estética,

¹ Doutor em Ciências Humanas e Sociais. Professor na rede pública do Estado de São Paulo. E-mail: bnovaisaraujo@yahoo.com.br.

²Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/percentual-de-voto-nulo-e-o-maior-desde-1989-soma-de-abstencoes-nulos-e-brancos-passa-de-30.ghtml>

identificar fatores simbólicos, efetuar comparações entre diferentes períodos e encontrar possíveis traços de manipulação e doutrinação ideológica se assim existirem, assim como formas simbólicas que colaboram para representar esteticamente uma liderança política ou momento político de forma a exaltá-lo ou criticá-lo.

A análise da série “O Mecanismo” (2018) busca verificar como a série representa esteticamente a atuação de Lula, um dos políticos mais controversos do Brasil contemporâneo, nos escândalos da Petrobrás, assim como identifica os enquadramentos mobilizados pelo diretor a respeito desta “persona” política. Espero pelo estudo das representações transmitidas contribuir para o estudo do papel dessa importante liderança política que mudou a história do país, levando em conta o contexto em que a série foi produzida, quem a produziu e o posicionamento do diretor acerca de Lula, levando em conta fatores externos sobre a produção da série.

2 LULA: UM BREVE HISTÓRICO

Lula é uma figura marcante da política nacional e um fenômeno incomum das relações de poder no Brasil: um ex-operário que chegou à presidência e que se tornou alvo de adoração por muitos e de rejeição por outros. Conhecido pelo seu linguajar popular e respostas sarcásticas, o ex-presidente sobreviveu a escândalos de corrupção que envolvia figuras emblemáticas de seu partido e mais tarde alcançou a reeleição à presidência em 2006.

Durante a ditadura militar (1964-1985), Lula destacou-se como grande liderança do movimento sindical. O **Novo Sindicalismo**, surgido nos anos de 1978 a 1980, resultou na criação da **Central Única dos Trabalhadores (CUT)**, em 1983, e da **Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT)**, em 1986, além de constituir as bases para a formação do **Partido dos Trabalhadores**. Por liderar a greve de 1980, Lula acabou preso; permaneceu encarcerado 31 dias, enquadrado na LSN (Lei de Segurança Nacional) pela ditadura militar. Mesmo com sua prisão, o movimento grevista se manteve ativo por mais de 30 dias, lutando inclusive por sua libertação. Logo, já se percebia o nível de importância que Lula havia adquirido enquanto líder sindical e político dentro do que se chamava Novo Sindicalismo.³ Adiante, Lula percebeu que

³ Disponível em <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2016/03/11/ditadura-militar-prende-lula-por-31-dias-em-1980.htm>

não havia representantes dos interesses dos trabalhadores dentro da classe política. Assim, com esse propósito, nasceu o Partido dos Trabalhadores (PT) no dia 10 de fevereiro de 1980, no colégio Sion em SP, com a participação de diversos representantes dos movimentos sociais e intelectuais de todo o país.

O ano de 1989, segundo Secco (2005), marca a maioria do PT, quando ele se torna uma oposição não somente na sociedade civil, mas também dentro do aparelho de Estado. Por isso, em 1990, o partido acaba se ajustando ideologicamente, pois já tinha atuação marcante como oposição política e precisou renegar o marxismo em um mundo marcado pelo fracasso do socialismo real. Logo, o PT renega o socialismo de maneira mais enfática especialmente durante os mandatos de Fernando Henrique Cardoso. O ponto mais alto desse ajustamento se deu a partir de 2002, quando o PT chega ao poder, tendo Lula como vitorioso no processo eleitoral, e consolida alianças com setores mais conservadores em nome da governabilidade. No fim do governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), alguns problemas como o aumento do desemprego, o endividamento dos Estados e a distribuição de renda marcavam o país negativamente. Foi nesse contexto que Lula buscou o apoio de diversos setores políticos para empreender uma chapa eleitoral capaz de agradar diferentes setores da sociedade brasileira.

Entre as primeiras medidas tomadas, o Governo Lula anunciou um projeto social destinado à melhoria da alimentação das populações menos favorecidas. Estava lançada a campanha “Fome Zero”. Essa seria um dos diversos programas sociais que marcaram o seu governo. A ação política de Lula conseguiu empreender um desenvolvimento historicamente reclamado por diversos setores sociais. No entanto, o crescimento econômico do Brasil não conseguiu se desvencilhar de práticas econômicas semelhantes às dos governos anteriores. No ano de 2005, o governo foi denunciado por realizar a venda de propinas para conseguir a aprovação de determinadas medidas. O esquema, que ficou conhecido como “Mensalão”, instaurou um acalorado debate político que questionava se existia algum tipo de oposição política no país. Em meio a esse clima de indefinição das posições políticas, o governo Lula conseguiu vencer uma segunda disputa eleitoral.

Ao deixar a presidência no fim de seu segundo mandato, em 2010, Lula gozava de ampla aprovação, o que rendeu ao PT a eleição de sua sucessora: Dilma Rousseff. Muito disso ocorreu devido ao fato de ser visto como um herói da classe trabalhadora no Brasil. Em

entrevista, Paul Singer destacou a importância de Lula para a classe trabalhadora: *“O Lula é um dos grandes heróis da sociedade, porque ele conquistou de volta o direito de fazer greve durante a ditadura militar.”*⁴

Entretanto, a ex-presidenta Dilma Rousseff, que comandou o país entre 2011 e 2016, não conseguiu ter o mesmo sucesso. Diversos escândalos envolvendo a empresa estatal Petrobrás, uma grave crise econômica e um processo de impeachment pautado em pedaladas fiscais e suplementação ilegal levou à queda de Dilma em 31 de agosto de 2016. A imagem de Lula foi continuamente desgastada no processo, especialmente após a condução coercitiva para depor à frente do Juiz Sérgio Moro, ocorrida em 2016, e da delação do ex-presidente da empreiteira OAS, Léo Pinheiro, que apontava Lula como dono do triplex Solaris, no Guarujá, cidade do litoral sul de São Paulo. Os sucessivos escândalos resultaram para ele na condenação em primeira instância, expedida pelo juiz Sérgio Moro, em julho de 2017, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro com pena de 9 anos e 6 meses de prisão. Em janeiro de 2018, após recorrer da decisão a órgão superior, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) aumentou a pena para 12 anos e um mês. Após o Supremo Tribunal Federal recusar um habeas corpus preventivo, Lula teve que se entregar à polícia federal no dia 07 de abril de 2018 e desde então cumpre pena em Curitiba, capital do Estado do Paraná, no prédio da Superintendência Regional da Polícia Federal.

3 O QUE É UMA LIDERANÇA POLÍTICA?

Vera Chaia (2013) aponta que, de forma mais geral, as lideranças políticas são formadas no interior de um longo processo histórico. Contudo, a partir de uma conjuntura excepcional, certas circunstâncias políticas também podem levar ao surgimento de novas lideranças. O líder político personifica os interesses políticos em disputa e em seu entorno são construídas relações de poder. A liderança pode assumir diversas formas de exercício e assumir diferentes formatos ao longo de sua história, o que leva ao debate do seu real significado e seu papel.⁵

⁴ Disponível em: <http://www.pt.org.br/blog-secretarias/paul-singer-da-aula-inaugural-do-curso-de-difusao-do-conhecimento-em-gestao-de-politicas-publicas/>

⁵ Disponível em http://www.pucsp.br/neamp/downloads/jornal_ed._56_bx-pg-12.pdf

Melo (2012, p.3), no artigo “Notas e reflexões sobre a Liderança política”, também fornece pistas do que é uma liderança política. Ao citar Max Weber, Melo defende que o líder possui um carisma capaz inclusive de romper com a burocracia e os controles da tradição. Segundo o autor, esse tipo de líder possui e exerce a capacidade de fazer-se seguir, possivelmente, por conseguir vocalizar um sentimento mais amplo e difuso, colocando-se à frente desses sentimentos, por espelhar em si a imagem de seus seguidores. O líder possui adeptos.

Melo (2012, p. 10) ainda separa três tipos de lideranças políticas: o “líder de massas”, que vocaliza o interesse das massas, arregimenta adeptos e mobiliza-os. Domina a comunicação e pode ou não ser um demagogo. É uma persona política admirável, mas não apresenta projeto real e caminho para o futuro, pois não é um estrategista político. É facilmente classificado como populista, nem sempre de forma justa. O “líder político” nem sempre é reconhecido. Articula processos políticos fundamentais, constrói consensos por meio do diálogo e estratégias políticas de poder, colocando-se à frente do processo. Assim, faltam-lhe as massas, pois não possui boa comunicação em campos abertos, apenas em âmbitos restritos. Seduz uma elite política, que o acompanha, muitas vezes pelo seu intelecto. É um líder político dos políticos, uma “raposa”. Por fim, Melo conceitua o “líder político de massas”, que condensa as melhores competências das duas lideranças anteriores: conduz povo e elite. É estratégico e arrebatador, pois extrapola seu grupo social, controla grupos distintos e contraditórios. Passa para a história de modo marcante, já que é a “raposa” e também populista.

Vera Chaia (2016, p. 2) apresenta importantes reflexões sobre a relação entre liderança política e cinema no artigo “Lideranças políticas e cinema: A imagem construída de Luiz Inácio Lula da Silva.” Ao debater a importância da imagem no mundo contemporâneo, Chaia, invocando Vilém Flusser, aponta que imagens são mediações entre o Homem e o mundo, têm a função de representar, serem mapas desse dele. São revelações e resultados do ato da imaginação e associam-se a discursos pré-estabelecidos. As imagens passaram a reverberar uma visualidade excessiva resultante do mundo capitalista. As relações da atualidade existem a partir das imagens. No cinema, é necessário atentar-se para a importância da construção dos planos sequenciais: como cada filme constrói através dos planos sequenciais uma narrativa específica do personagem discutido. O tempo, tão caro ao cinema, é editado,

formulado, para assim induzir ao olhar e imagem do diretor. Logo, o cinema constrói imagens que passam a fazer parte do imaginário político. O poder não se faz nem se mantém senão pela produção de imagens, manipulação de símbolos e sua organização em um enquadramento específico.

Diante dessas colaborações, abordei a série selecionada entendendo essa liderança como líder político de massas, que conseguiu entrar para a história defendendo pautas voltadas para classe trabalhadora, buscando identificar como seus atos foram enquadrados pelos cineastas levando em conta seus contextos de produção.

4 SOBRE A SÉRIE “O MECANISMO”

A primeira temporada possui oito episódios, cada qual com sessenta minutos ou pouco menos. É uma das produções originais Netflix mais assistidas no Brasil⁶ e já apresenta previsão para segunda temporada. O seriado foi centro de polêmicas diversas por adaptar determinados fatos com liberdade, o que levou a críticas ferozes e elogios entusiasmados por parte de políticos e de mídia especializada. O enredo trata da obsessão de Marco Ruffo (Selton Mello) em relação a um caso que está investigando. Ele e sua aprendiz Verena Cardoni (Carol Abras) acabam mergulhados em uma das maiores investigações de desvios e lavagem de dinheiro na história do Brasil. Diversas figuras importantes envolvidas no cenário político contemporâneo, como o Juiz Sergio Moro, a ex-Presidenta Dilma Roussef e o ex-Presidente Lula estão presentes na narrativa, mas com outros nomes, a fim de evitar futuros processos.

O carioca José Padilha (51 anos) é diretor e produtor de cinema e seriados. É formado em Administração de empresas pela PUC – RJ e fundou, junto com o diretor Marcos Prado em 1997, a Zazen produções. Produziu o documentário “Ônibus 174” (2002), dirigiu os filmes “Tropa de Elite” (2007) e “Tropa de Elite 2” (2010) e atua como diretor e produtor nas temporadas do seriado “Narcos”, também da Netflix. Recebeu os prêmios de melhor longa-metragem ficção, roteiro adaptado e direção em 2011 do Grande Prêmio do cinema nacional por “Tropa de Elite 2”.⁷

⁶ Informação disponível em <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n123299/o-mecanismo-netflix-sucesso-audiencia.html>

⁷ Informações disponíveis em <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-94070/>

João Higino (Lula) é interpretado por Arthur Khol, paulista nascido em 1948, ator reconhecido no teatro e artista plástico brasileiro. Atuou no programa “Rá-Tim-Bum”, da TV Cultura em 1990, participou de seriados como “Os Normais” (2002), de filmes como “Mário” (2000) e “O Robô” (1994) e é parte do elenco da peça humorística “Terça Insana”.⁸

5 METODOLOGIAS DE ANÁLISE DO SERIADO

Vera Chaia, no artigo “Lideranças Políticas e cinema: a imagem construída de Luiz Inácio Lula da Silva” (2016, p. 192), adota os seguintes procedimentos metodológicos para análise fílmica: análise interna dos filmes selecionados que tratam do tema liderança política/poder executivo; análise histórica da trajetória da liderança retratada nos filmes, bem como análise das questões institucionais, do comportamento político e da comunicação política no período abordado pelos filmes; por fim, vinculação orgânica entre a análise interna dos filmes e a situação político-cultural da época retratada.

A “Hermenêutica de Profundidade” (Thompson, 2012) é uma ferramenta teórica e metodológica que permite analisar o contexto sócio-histórico e espaço temporal do objeto de estudo. Trata-se de fazer uma análise qualificada da realidade apresentada pelas formas simbólicas (discursos, gestos, enquadramentos das câmeras, vestimentas, entre outros). Tal metodologia resumidamente é “o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. A Hermenêutica de profundidade segue algumas etapas, que podem ser resumidas como análise sócio-histórica, que consiste na análise das situações espaço-temporais; a segunda fase é a análise discursiva e, por fim, a última etapa que é a ressignificação da forma simbólica.

6 ANÁLISE DO SERIADO

Ficha técnica

Série: “O Mecanismo”

Ano: 2018

1ª temporada

⁸ Informações disponíveis em <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-796440/>

Duração: 336 minutos (8 episódios)

Classificação: 16 anos

Gênero: Policial

País de origem: Brasil

Produção e direção: José Padilha

Roteiro: José Padilha e Elena Soares

Canal de streaming: Netflix

Elenco:

Marco Ruffo – Selton Mello (Referência é Gerson Machado)

Verena Cardoni – Carolina Abras (Referência é Érika Marena)

Luiz Paulo Rigo – Otto Jr. (Referência é Sergio Moro)

Roberto Ibrahim – Enrique Diaz (Referência é Alberto Youssef)

Dimas Donatelli – Antônio Saboia (Referência é Deltan Dallagnol)

João Pedro Rangel – Leonardo Medeiros (Referência é Paulo Roberto Costa)

Ricardo Brecht – Emílio Orciollo Neto (Referência é Marcelo Odebrecht)

Agente China – Fábio Yoshihara (Referência é Newton Ishii)

João Higino – Arthur Khol (Referência é Lula)

Janete Ruscov – Sura Berditchevsky (Referência é Dilma Rousseff)

Lúcio Lemes – Michel Bercovitch (Referência é Aécio Neves)

Samuel Thames – Tonio Carvalho (Referência é Michel Temer)

Episódio 1 – “Lava-Jato”

Resumo: O episódio retrata ocorrências de 2003. Marco Ruffo relata descobertas ao Ministério Público referentes à lavagem de dinheiro em que Roberto Ibrahim está diretamente envolvido exercendo a função de doleiro. Ao encontrar um extrato de R\$ 39 milhões e observar Ibrahim tentando evadir um grande montante de dinheiro em uma mala, Ruffo investiga mais a fundo e percebe que o doleiro usa laranjas em suas operações e, com isso, consegue um mandado de prisão contra ele. A princípio confiante que seria solto devido seu envolvimento com políticos do alto escalão, Ibrahim percebe com o tempo que a delação premiada seria uma saída mais viável. Mesmo com protestos de Ruffo e sua companheira nas investigações, Verena, o Ministério Público homologa as delações. Ibrahim não delatou

ninguém famoso e acabou solto. Ruffo surta e recebe ordem prisão do juiz Rigo. É afastado da Polícia Federal. Dez anos depois, sem a companhia de Ruffo, Verena continua investigando Ibrahim. No término do episódio, um dos doleiros usa o telefone fixo, que estava grampeado, e cita o codinome “Primo”, que Verena percebe estar ligado a Ibrahim.

João Higino aparece nesse primeiro episódio. Verena começa narrando, dizendo que é o terceiro mandato de um governo popular. Entretanto, apesar do discurso bonito, diz que é tão corrupto quanto os outros. João Higino aparece usando um dos seus famosos jargões: “Nunca antes na história desse país...” Ele exalta Janete e seu partido, sendo corrigido em alguns pontos de sua fala por seu assessor. Janete, na sala ao lado, prepara discurso de exaltação da Petrobras. Higino volta a ser o centro das atenções, incomodado com o local em que desenvolvia sua fala, um apartamento de classe média que ele dizia ser de “coxinha”, com muito luxo e livros, que não dialogava com seu eleitorado, coisa com a qual seu assessor discorda. Janete continua falando da estatal, dizendo que há desenvolvimento de tecnologia para estocar vento. Higino e Janete se encontram a seguir em uma sala, quando Verena volta a narrativa dizendo que nunca “comprou” Higino, seu vice e desconfiava de Janete. Os assessores de Janete pedem R\$ 600 mil a Ibrahim para custos de campanha, o que Verena chama de mais um montante para a campanha presidencial mais rica do país.

João Higino é representado esteticamente como estrategista, maquiavélico e articulador de uma imagem populista. Intermedia relações entre diferentes setores com o intuito de manter a máquina da corrupção funcionando e assegurar a continuidade de seu projeto de poder. É uma raposa política, diferentemente de Janete que é apenas um fantoche, visivelmente despreparada, alguém que está de carona no sucesso de João Higino. A presença de Ibrahim, em contato direto com a assessoria de Janete, traz a exata ideia do alarmante nível de corrupção da campanha de Janete sob supervisão de Higino, o que é corroborado com o discurso de Verena ao relatar as relações nefastas retratadas entre os doleiros e o financiamento de campanha do Partido dos Trabalhadores.

Episódio 2 – “Halawi”

Resumo: Ruffo aguarda ser atendido pela Previdência Social. O ano é 2003. Recebe um auxílio que não cobre suas despesas, ainda mais com uma filha com necessidades especiais. Não aguenta a humilhação e se dá um tiro na cabeça. Verena, em 2013, continua investigando

Ibrahim. Recebe ajuda de dois Policiais Federais. Ela encontra o juiz Rigo e pede para aprofundar investigações sobre o doleiro. Consegue autorização e forma a operação Lava-Jato. Enquanto isso, Ibrahim encontra o diretor da Petrobras, João Pedro Rangel. Os dois negociavam um esquema de pagamentos de propinas das empreiteiras para a estatal. Ibrahim lavava esse dinheiro e enviava para paraísos fiscais. Eles vão a São Paulo e Ibrahim presenteia Rangel com uma Evoque, paga em cheque.

Verena rastreou tal pagamento, pesquisou quem era Rangel e, com a ajuda do colega policial, Luiz Guilherme, conseguiu levar toda uma documentação ao juiz Rigo, que autoriza a condução coercitiva de Rangel, mesmo com o temor inicial do Procurador Dimas Donatelli. Os policiais se distribuem para efetuar as conduções e prisões necessárias. O sinal de celular de Ibrahim some, o que leva o Superintendente Ruberval a cancelar a operação, já que o doleiro era o principal alvo. O avião do doleiro decola enquanto a equipe fica temporariamente em desalento. João Higino não aparece no episódio. O governo é citado quando a Petrobras, na narrativa de Verena, é chamada de “menina dos olhos do governo” e antro de corrupção”. Janete discursa exaltando os lucros gerados pela Petrobras.

Episódio 3 – “Ventos frios vindos do Sul”

Resumo: A operação está aparentemente cancelada, mas Ibrahim comete um erro - liga para sua filha e acaba sendo rastreado. Verena é avisada que o doleiro está em Brasília. Ibrahim recebe ligação estranha em seu quarto, liga de volta e percebe que é da Polícia Federal. Entrega dinheiro em uma mala ao colega no quarto ao lado, diz a ele que sabe que será preso e pede para que o montante seja entregue à assessora de Janete. Ibrahim e outros doleiros são presos, enquanto Rangel é conduzido coercitivamente. A esposa de Rangel liga para genro e pede para que ele suma com provas existentes no escritório do marido em sua empresa de consultoria. Enquanto isso, o comparsa de Ibrahim entrega dinheiro a Mônica Moura, parte integrante da equipe de campanha de Janete Ruscov.

No escritório de Rangel, seu genro e filha escondem provas. Em depoimento à Polícia Federal, o executivo nega conhecer os esquemas de Ibrahim. Mais tarde, Verena tem acesso às câmeras de segurança que mostram o genro e filha de Rangel sumindo com documentos em malas. João Higino não aparece no episódio.

Episódio 4 – “Fundo Falso”

Resumo: Com as imagens das câmeras, Verena e sua equipe conseguem com o juiz Rigo um pedido de prisão de Rangel por ocultação de provas. A polícia federal chega à casa do executivo e encontra em parede falsa um total de R\$ 3 milhões escondidos. Rangel é conduzido à prisão e é retratado pela imprensa como “Homem bomba”, pois se abrisse a boca para contar o que sabia, a república “despencaria”. Enquanto isso, o espectador descobre que o tiro dado por Ruffo em si mesmo não o matou e que ele infiltrou o policial Luiz Guilherme para continuar atuando na investigação contra Ibrahim.

Rangel entra na prisão, o que deixa Ibrahim, na cela ao lado, espantado. Por outro lado, Verena, em conjunto com Dimas e Claudio, do Ministério Público, investigam evidências de depósitos para deputados. Levam o caso a Rigo que aponta o foro privilegiado de alguns envolvidos. Inicialmente, mandaria o caso para Brasília, mas Ruffo o encontra fora do Tribunal e o pressiona para não fazer isso. Rigo repensa e manda apenas alguns casos para Brasília, ficando com aqueles que não possuem foro. Ruffo teme que o Supremo Tribunal Federal, cujos integrantes são escolhidos pelo governo, acabe soltando os investigados.

João Higino aparece conversando com o ex-ministro da Justiça, Mario Garcez Brito. Higino diz que a coisa foi longe, apontando a necessidade de tirar Rangel de Curitiba. Argumenta que Rigo é vaidoso e metido e tem que cortar enquanto é tempo. Aparenta preocupação. Garcez Brito também mostra apreensão. É chamado de “mago”, pois seu poder permite que transforme bandidos em “santos”. Por outro lado, Lúcio Lemes, líder da oposição, vê a oportunidade de acabar com a campanha de Janete com o recente escândalo de Rangel. O Vice-presidente Thames também se articula com Lemes para não ficar em um governo afundando.

Higino é mais uma vez retratado como político ardiloso, que se sente onipotente e inatingível pela lei. É peça crucial no funcionamento do mecanismo de corrupção na política nacional. Bem relacionado, busca livrar seus comparsas para manter seu projeto de poder e a roda da corrupção funcionando. Apesar de retratado como vaidoso e ambicioso, Rigo é mostrado como justo e implacável contra a corrupção, em um contraponto evidente à postura de Higino, corrupto convicto. O ex-presidente, por outro lado, é colocado no mesmo nível de corruptos da oposição, como Lemes, tão maquiavélico e transgressor quanto Higino, e

Thames, outro corrupto notório que estabelece alianças para não perder capital político em um governo em crise.

Episódio 5 – “Olhos Vermelhos”

Resumo: Ibrahim suborna agentes federais para que eles levem comidas e bebidas alcóolicas para ele na cadeia, enquanto mantem relações sexuais com Wilma Kitano, companheira nas ações criminosas. Luís Guilherme vê as imagens dos dois detentos pelas câmeras e tira uma foto, para em seguida entregá-la a Ruffo que, por sua vez, mostra-a para a esposa do doleiro. Furiosa, ela ameaça acabar com o marido. Enquanto isso, O STF nega pedido de Rigo, libertando da prisão mesmo aqueles sem foro privilegiado, não permitindo assim que o juiz federal ficasse a cargo de julgar tais casos. Entretanto, mais tarde, com os presos já temporariamente livres, a Primeira turma do STF votou pelo desmembramento do processo, o que passou a delegar a Rigo o julgamento de presos sem foro privilegiado.

Verena continuou a investigar o dinheiro mandado para fora do país ilegalmente e descobre que Rangel enviou milhões para Genebra, Suíça. O executivo acaba preso novamente. Mais tarde, ao entrar clandestinamente na garagem de Ruffo, Verena descobre que Luís Guilherme é infiltrado de Ruffo. A esposa do ex-agente também passa a saber das investigações secretas, o que leva a uma crise em seu casamento e com sua amiga e agente federal. Por fim, Rigo autoriza transferência de Rangel para presídio estadual, de forma a pressioná-lo e levá-lo a entregar os envolvidos no esquema de corrupção.

João Higino aparece algumas vezes no episódio. Na primeira delas, comemora o primeiro voto favorável na votação da Primeira Turma do STF, dizendo que iriam virar. A seguir, contudo, surge com cara de espanto diante do parecer favorável ao desmembramento dos julgamentos. Nesse momento foi representado esteticamente como alguém que mantém fé na impunidade e no funcionamento do sistema de corrupção, comprometido com seus comparsas de crime. Todavia, ao ver a derrota, começa a perceber que seus planos estão se perdendo e que pouco a pouco o cerco estava se fechando, o que coloca em xeque sua aura de intocável.

Mais tarde, em narrativa de Ruffo, é chamado de “Capo”, ou seja, chefe de todo esquema de corrupção. Quer atacar diretamente as investigações, especialmente Rigo, com medo de que Rangel entregue os envolvidos, mas é aconselhado pelo “Mago” Garcez a

negociar com as empreiteiras um pedido de desculpas com indenização simbólica ao país. Higino é representado mais uma vez como a grande cabeça pensante do funcionamento do mecanismo de corrupção retratado na série. Junto ao “Mago”, é um estrategista nato, comprometido com seu projeto de poder e com a manutenção da ilegalidade. Contudo, está se sentindo pressionado, pois percebeu que não é intocável como imaginava já que as delações poderiam leva-lo a ruína. Nesse momento, Garcez é fundamental, pois semelhante ao esquema da máfia, atua com um “Consigliere”, primordial em tempos de crise. Não à toa a referência sobre Higino ser um “Capo”: a série visa mostrar um esquema estruturado tal como as máfias clássicas italianas executavam, retratando Higino como uma espécie de Vito Corleone e Garcez como Tom Hagen, personagens marcantes de “O Poderoso Chefão 1”. Por fim, quando Higino usa a frase “estancar a sangria”, é uma referência direta a frase dita por Romero Jucá em ligação grampeada, na qual conversava com Sergio Machado, ex-presidente da Transpetro. Dessa forma, Higino é representado como alguém que quer frear uma investigação primordial para a melhoria do país, se caracterizando como um inimigo poderoso às mudanças necessárias. É um mantenedor do mecanismo, uma estrutura corrupta que engole todos a sua volta.

Episódio 6 – “Eles já sabiam de tudo”

Resumo: Rangel se encontra na cadeia estadual em péssimas condições. Apesar da pressão, não entrega os comparsas e acaba levado de volta ao cárcere federal. Verena, por outro lado, conversa com Rigo para tentar ação contra a família de Rangel por formação de quadrilha. O juiz federal autoriza busca e apreensão na casa de filha e genro de Rangel. Os documentos encontrados mostram que o genro prestava serviço a Petrobras. Mais tarde, a filha visita Rangel na cadeia e exige que ele resolva o problema. Logo, o executivo e Ibrahim decidem fazer acordo de delação premiada.

Garcez tenta convencer as empreiteiras a assumirem responsabilidade e pagarem indenização simbólica. Na reunião, descobrem sobre delações e o Mago se compromete a conversar com Procurador-Geral da República. Mais tarde, as delações começam a ser colhidas pelo Ministério Público. Rangel e Ibrahim falam sobre envolvimento das empreiteiras e políticos em um grande esquema de corrupção. Afirmam que João Higino, Janete e Garcez sabiam de tudo. No dia seguinte, a delação é vazada por advogado de Ibrahim para

desestabilizar investigações. A capa da revista “Leia”, clara referência à revista “Veja”, expõe as fotos de Higino e Janete com a frase “Eles sabiam de tudo!”.

O senador Lemes se aproveita da situação para atacar Janete. No fim, Ruffo consegue se articular para provar que o advogado de Ibrahim vazou informações para desestabilizar a Lava-Jato, o que é mostrado pelos jornais em circulação.

João Higino é representado inicialmente indiretamente, no processo de delação de Ibrahim e Rangel. É apontado, junto a outros envolvidos, como conhecedor de todo esquema de corrupção, algo extremamente negativo no processo eleitoral vigente já que Janete dependia da popularidade para se eleger. É uma clara referência ao escândalo veiculado pela Revista Veja no processo eleitoral de 2014, na disputa entre Dilma Roussef e Aécio Neves. O nome da revista (“Leia”) é clara referência a Revista “Veja” e as ações de Lemes são iguais a de Aécio Neves no contexto em questão. Lemes é chamado na narrativa de Ruffo de “bandido também”, o que claramente o colocava no patamar de corruptos no qual estava João Higino. Outra referência aparece quando Higino visita um apartamento e diz que não decide sobre a compra dele, claramente estabelecendo relação com o triplex Solaris, no Guarujá, e o fato de Lula dizer que a esposa, Marisa, não gostou do empreendimento e por isso não comprou, algo declarado na época em que prestava esclarecimentos a Sergio Moro. A seguir, conversa com Garcez por telefone e propõe se aproveitarem do vazamento das delações, executando uma ação de desqualificação da Lava-Jato e enterrando-a de vez. Mais uma vez Higino é representado como alguém que traça estratégias para livrar comparsas e brecar as investigações para poder sobreviver e manter seu projeto de poder. É alguém que busca em qualquer oportunidade uma forma de derrubar seus adversários para atender seus interesses e de seus comparsas corruptos. É, claramente, um inimigo da Lava-Jato.

Episódio 7 – O último respiro

Resumo: Enquanto Ruffo vivencia um problema de encanamento em sua residência, Verena fala de suas descobertas acerca do Clube dos 13 para Rigo. O juiz autoriza buscas e apreensões, mas nenhuma prisão, pois precisa da confissão de um dos envolvidos para possuir algo mais substancial. Quando Ruffo fica sabendo desse diálogo, vai até Ibrahim e o pressiona. Com isso, consegue a indicação de Silvério Anunciato como aquele que, se pressionado, entregaria a todos os envolvidos para se safar.

Na véspera das eleições de 2014, empreiteiros torciam para que Garcez costurasse um acordo com o Procurador-Geral e enterrasse de vez a Lava-Jato. Ele, por sua vez, se mostrou disposto a negociar desde que as empreiteiras pagassem, em conjunto, R\$ 1 bilhão como valor simbólico aos cofres públicos. Os empreiteiros cogitaram apoiar Lemes, mas viram que era inviável pois Janete estava muito à frente nas pesquisas. Decidiram pagar, mas Ricardo Brecht não adere e abandona reunião por se sentir intocável.

Mais tarde, Ruffo encontra Silvério e diz que os corruptos das empreiteiras irão presos em breve. Nesse contexto, Janete acaba eleita e promete combater corrupção na Petrobrasil. Rigo assiste as comemorações e as revoltas de outros do alto de sua sacada, percebendo um país dividido. Pouco tempo depois, o advogado de Silvério Anunciato pede reunião com Ministério Público. Fecha acordo de delação e entrega as regras do Clube dos 13, assim como preocupações com segurança e atas com nomes dos envolvidos. São feitas claras referências às empreiteiras como OAS e Camargo Corrêa, usando outros nomes afim de evitar futuros processos. Apenas Ricardo Brecht consegue se proteger dessa delação, pois possuía esquema mais sofisticado de corrupção.

Verena aguarda autorização de Rigo para dar início a operação Juízo Final, que prenderia os donos das empreiteiras. Um adoentado Garcez soube das delações de Silvério e tentava acordo com o Procurador-Geral o mais rápido que pudesse. Os advogados do Clube dos 13, por outro lado, tentava convencer o Ministério Público a aceitar acordo e manterem-se contratados pela Petrobrasil, mas são rejeitados de prontidão por Dimas e Cláudio.

Rigo autoriza a operação. Enquanto isso, Ruffo, ao observar a contratação de um encanador e o funcionamento de indicações e propinas entre agentes públicos e empresas privadas, decifra o funcionamento do mecanismo. Por fim, Dimas e Cláudio são convocados para prestar esclarecimento à Procuradoria-Geral.

João Higino aparece nesse capítulo apenas em narração descritiva de Ruffo, logo após reunião do Clube dos 13 para pagamento do valor simbólico. Ele comenta que Janete e Higino se consideravam acima do bem e do mal e acreditavam, assim como Ricardo Brecht, que a Lava-Jato não chegaria neles. Janete ainda aparece mais uma vez, quando é eleita e agradece Thames, seu vice, em discurso no qual também se compromete a combater corrupção nas estatais. Embora seja uma citação rápida, mais uma vez a representação estética de Higino é de um grande chefe do esquema de corrupção da Petrobrasil, intocável e arrogante, seguro

da manutenção de um esquema que lesa os cofres públicos e enriquece a si mesmo e seus companheiros de crime.

Episódio 8 – Juízo Final

Resumo: Ruffo monta um organograma de funcionamento do mecanismo. Garcez acaba morrendo em decorrência de problemas respiratórios. Sem ele, o Procurador-Geral tende a não livrar donos das empreiteiras. Em conversa com Dimas e Cláudio, ele decide apoiar operação Juízo Final e joga fora acordo proposto pelo Clube dos 13. Enquanto isso, Ibrahim é solto após delações e segue para prisão domiciliar.

Ruffo conclui que o mecanismo é um sistema de retroalimentação. Está presente em todos os campos das relações humanas do Brasil. Não possui partido e ideologia, apenas a defesa e manutenção de um padrão de corrupção. Ao perceber isso, decide abandonar investigações e opta por ficar com a família.

No dia 14 de Novembro de 2014, Rigo autoriza a prisão de onze dos treze grandes donos de empreiteiras na Operação Juízo Final. Apenas Silvério, delator do esquema, e Ricardo Brecht, por possuir esquema mais sofisticado, se livram das prisões. Os novos presos passam por revista íntima enquanto Dimas faz discurso em coletiva de imprensa sobre a lei ser para todos e os absurdos ganhos pelo cartel. Polícia Federal e Ministério Público disputam protagonismo na entrevista. Rangel, por sua vez, vê os novos presos chegarem nas celas próximas a dele. Rigo pede quebra de sigilo bancário de diretores em Curitiba.

Nas ruas um vaidoso Rigo já começa a conceder os primeiros autógrafos. Verena começa a investigar a empreiteira de Ricardo Brecht e pede para o juiz federal interceptar o telefone do executivo, o que é rapidamente autorizado. Por outro lado, Brecht quer descobrir informações de pessoas ligadas à Lava-Jato que possam desmoralizá-las. Verena descobre que quatorze executivos da “Miller e Brecht” deixaram o país após a operação Juízo Final.

Verena é seguida por investigador contratado por Ricardo Brecht quando segue para encontrar Ruffo e contar sobre um câncer recém-descoberto. Quer ajuda do ex-agente para continuar as investigações, mas ele diz estar focado em sua família e optou por desistir. Brecht e Ibrahim conversam com investigador sobre descobertas da participação de Ruffo nas investigações, com documentos comprobatórios encontrados na garagem do ex-agente. Entretanto, Brecht diz não confiar em Ibrahim por razão das delações feitas pelo doleiro.

A Polícia Federal decide afastar Verena e sua equipe das investigações e encerrar a Lava-Jato. Verena decide operar do câncer e recebe visita de Ruffo. Ao voltar para casa, a personagem interpretada por Selton Mello encontra Ibrahim conversando com sua esposa. O doleiro diz que o executivo tem medo de Ruffo e que pode ajudá-lo, desde que sua existência seja esquecida. Ruffo nega acordo, dizendo que são todos bandidos com os quais não negocia. A partir disso, ele decide continuar as investigações. Deixa bilhete para esposa dizendo que se preciso fosse sacrificaria a família em busca de justiça. A série termina com o ex-agente sentado ao lado de Thereza, secretária de Ricardo Brecht, em local de jogatina.

João Higino aparece em cena com Janete. Ele diz a presidente para trocar o Ministro da Justiça, o que ela não quer fazer. Ele insiste que deve ser trocado pelo menos o comando da Polícia Federal, que é melhor passar por tal constrangimento já que a consequência da omissão pode custar mais a todos. Essa conversa, feita em gabinete presidencial, termina com a frase: “Janete, me escuta pelo menos uma vez na vida, criatura!” Aqui, Higino é representado esteticamente como alguém assustado, perplexo diante dos rumos dos acontecimentos. Até então intocável, tenta se articular de forma a sobreviver politicamente e salvar todos os envolvidos no mecanismo de corrupção, assim como o próprio esquema.

Lúcio e Thames se articulavam também. O vice-presidente dizia não ser escutado por Janete. Lúcio Lemes propõe fechar com Revista “Leia” e convencer a todos que o problema é o Partido dos Trabalhadores. Os bastidores da política corrupta estavam estremecidos. Higino tinha que lidar com a teimosia e falta de habilidade política de sua sucessora, enquanto lutava para manter seu legado e seus ganhos obscuros. Os inimigos do Brasil começavam a perder a disputa e o principal chefe do esquema via o mecanismo começar a se abalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo busquei identificar como Lula, chamado na série de João Higino, foi retratado na série “O Mecanismo” (2018), veiculada no canal de Streaming Netflix. Para tanto, comentei sobre o cenário político contemporâneo e o uso do cinema para promover discursos favoráveis ou contrários a uma persona política. A seguir, abordei a trajetória política de Lula e as diferentes conceituações de liderança política. Apresentei importantes detalhes referentes à produção da série e as metodologias de análise utilizadas para extrair as formas

simbólicas presentes nos enquadramentos de João Higino. Por fim, efetuei as análises dos oito capítulos que compõem a primeira temporada do seriado.

João Higino é representado esteticamente como o grande articulador do maior esquema de corrupção da história do Brasil. É alguém que acredita na impunidade e busca deixar todos seus aliados protegidos, pois isso é fundamental para manutenção de seu capital político e manter consolidado seu projeto de poder. Por se sentir intocável, busca desestabilizar as investigações a todo momento com ações imorais que visam denegrir aqueles que integram a equipe da operação Lava-Jato.

Enquanto Ruffo, Verena e sua equipe são enquadrados como implacáveis lutadores em busca de justiça, Higino é o retrato de uma classe política corrupta, ligada a empresários tão sujos quanto eles, que visam apenas lucrar e manter seus privilégios por meio de acordos obscuros. Os sacrifícios pessoais dos investigadores e obstinação de Rigo, Dimas e Cláudio são inversamente proporcionais à vida levada pelos corruptos, cercados de luxo às custas dos impostos pagos pela população. Em meio a todo esse mecanismo, Higino é imprescindível para seu funcionamento por conhecê-lo com profundidade e seu interesse de mantê-lo funcionando plenamente. A eleição de Janete, sua escolhida, é de suma importância para a continuidade desse sistema corrupto.

Quando as investigações avançam, Higino começa a perceber que pode ser alcançado. Seu poder pode se perder por consequência dos erros dos outros. Começa a se articular com o Ministro da Justiça Garcez para impedir os avanços, entretanto percebe que as coisas estão piorando. Janete não impõe limites a Lava-Jato e essa teimosia incomoda Higino. Seus opositores políticos são tão corruptos quanto ele, mas Higino/Lula é a principal referência do esquema. É irônico, sagaz e uma raposa política nata. Esse líder político de massas é um inimigo da justiça e do povo. É, assim como toda a classe política, enquadrado esteticamente como um vilão do Brasil.

REFERÊNCIAS

CHAIA, V. **Lideranças Políticas e Cinema: A Imagem Construída de Luiz Inácio Lula da Silva.** Revista Cordis, N 16, São Paulo, 2016.

MELO, C. **Notas e reflexões sobre liderança política**: contribuição para delimitação de um campo de estudo. Revista Aurora, V 5, N 14, São Paulo, 2012.

SECCO, L. **A história do PT**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SITE G1. **O Percentual de votos nulos é o maior desde 1989**. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/28/percentual-de-voto-nulo-e-o-maior-desde-1989-soma-de-abstencoes-nulos-e-brancos-passa-de-30.ghtml>. Acessado em 01/05/19.

SITE BOL. **Ditadura militar prendeu Lula por 31 dias em 1980**. Disponível em <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2016/03/11/ditadura-militar-prendeu-lula-por-31-dias-em-1980.htm>. Acessado em 03/05/2019.

SITE PT.ORG. **Paul Singer dá aula inaugural no curso de difusão do conhecimento em gestão de políticas públicas**. Disponível em <http://www.pt.org.br/blog-secretarias/paul-singer-da-aula-inaugural-do-curso-de-difusao-do-conhecimento-em-gestao-de-politicas-publicas/>. Acessado em 06/05/2019.

SITE NEAMP – PUCSP. **Novo significado para a liderança política**. Disponível em http://www.pucsp.br/neamp/downloads/jornal_ed.56_bx-pg-12.pdf. Acessado em 07/05/2019.

SITE ADORA CINEMA. **José Padilha**. Disponível em <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-94070/>. Acessado em 12/05/19.

SITE ADORO CINEMA. **Arthur Khol**. Disponível em <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-796440/>. Acessado em 12/05/2019.

The Aesthetic Representation of Lula in the Series “O Mecanismo” – Villain of Brazil?

ABSTRACT

In this article I aimed to study the aesthetic representations of the political leadership of Luiz Inácio Lula da Silva in the series “The Mechanism” (2018), from the Netflix streaming channel. For this study, I performed a film analysis to interpret the symbolic forms and identified the frameworks used by director José Padilha in the moments when João Higino (Lula) stars in different scenes during the chapters of the series. The results obtained with these analyzes showed a negative representation of his leadership, characterizing him as a corrupt leader, egotistical and harmful to the country, as well as everyone involved in corruption processes during the narrative.

Keywords: Aesthetic representation. Lula. The Mechanism.

La representación estética de Lula en la serie “O Mecanismo” – ¿Villano de Brasil?

RESUMEN

En este artículo tuve como objetivo estudiar las representaciones estéticas del liderazgo político de Luiz Inácio Lula da Silva en la serie “El Mecanismo” (2018), del canal de streaming de Netflix. Para este estudio realicé un análisis fílmico para interpretar las formas simbólicas e identifiqué los marcos utilizados por el director José Padilha en los momentos en que João Higino (Lula) protagoniza diferentes escenas durante los capítulos de la serie. Los resultados obtenidos con estos análisis mostraron una representación negativa de su liderazgo, caracterizándolo como un líder corrupto, egoísta y dañino para el país, así como a todos los involucrados en procesos de corrupción durante la narrativa.

Palabras clave: Representación estética. Lula. El mecanismo.

Recebido em: 04/02/2021

Aceito em: 05/04/2022